



As Mulheres em Modalidades Esportivas Coletivas: Um Panorama dos Cargos Técnicos e de Gestão nas Confederações Brasileiras

Women in collective sports modalities: An overview of technical and management positions in Brazilian Confederations

Mujeres en modalidades deportivas colectivas: Una visión general de los cargos técnicos y de dirección en las Confederaciones Brasileñas

Cacilda Mendes dos Santos Amaral¹ , Julia Kariny Bernardes¹, Raquel Ferreira Silva², Sara Maria Barreto Dias²

Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Divinópolis¹ – cacilda.amaral@uemg.br
Grupo de Estudos e Pesquisas Socioculturais em Educação Física e Esporte (GEPSEFE)²

Resumo

Há um consenso da literatura que a mulher continua a ter sub-representação em posições de liderança, e que ainda persiste em nossa sociedade uma linguagem patriarcal, e estereótipos de gênero e de perfil profissional desejado, que impõem desafios práticos e emocionais a mulheres buscarem cargos de liderança no esporte (Evans & Pfister, 2020). A pesquisa teve como objetivo obter um panorama dos cargos de liderança ocupados por mulheres nas comissões técnicas e na gestão de Confederações Esportivas Brasileiras de modalidades coletivas olímpicas. A pesquisa possui abordagem mista, utilizando-se do método de análise documental. Foram analisadas publicações de convocações de comissões técnicas e atas de eleição disponíveis online nos sites das Confederações esportivas de modalidades olímpicas coletivas, além de consulta do site do Comitê Olímpico do Brasil. Os dados coletados referentes à ocupação dos cargos foram organizados em planilha de Excel, realizada análise de estatística descritiva, de forma a descrever e sumarizar o conjunto de dados obtidos, e análise de conteúdo (técnica de enumeração), para os dados relativos ao tipo de cargo ocupado pelas mulheres. Foram identificadas 110 posições nas comissões técnicas de todas as modalidades esportivas analisadas (equipes femininas e masculinas), destas 23 são ocupadas por mulheres (20%). As modalidades de Basquetebol, Futebol, Handebol, Polo Aquático, Rúgbi, Voleibol e Vôlei de Praia somam nas equipes femininas 43 cargos nas comissões técnicas, sendo 13 ocupados por mulheres (30%). As mesmas modalidades, em suas equipes masculinas somam 47 cargos, e desses 4 são ocupados por mulheres (8.5%), indicando que enquanto homens possuem espaço nas comissões técnicas de equipes femininas, o contrário não ocorre. De todas as modalidades analisadas, foi possível constatar que poucas mulheres ocupam cargos de maior liderança, como o de treinadora/técnica, de um modo geral, panorama semelhante ao encontrado por Ferreira et al. (2013), sendo o cargo de fisioterapeuta o mais ocupado pelas profissionais mulheres. Ao analisar a distribuição dos cargos de gestão, o panorama confirma o conceito de “teto de vidro”, que supõem que mulheres ascendem a cargos de liderança até certo ponto. Quanto aos cargos operacionais, foram identificadas 121 posições, 40 delas são ocupados por mulheres (33%). Já os cargos estatutários, das 76 posições identificadas, apenas 7 delas são ocupados por mulheres (9.2%). Foi possível traçar um panorama da participação feminina na liderança em entidades de administração do esporte e de modalidades esportivas coletivas olímpicas, evidenciando a sub-representação em posições de liderança.

Palavras-chave: Confederação Esportiva; Mulher; Gestora do Esporte; Treinadoras.

Abstract

There is a consensus in the literature that women continue to be under-represented in leadership positions, and that a patriarchal language and gender stereotypes and desired professional profile still persist in our society, which pose practical and emotional challenges to women seeking positions of leadership in sport (Evans & Pfister, 2020). The research aimed to obtain an overview of the leadership positions held by



women in technical committees and in the management of Brazilian Sports Confederations of Olympic collective modalities. The research has a mixed approach, using the document analysis method. Publications of calls for technical commissions and election minutes available online on the websites of the sports Confederations of collective Olympic modalities were analyzed, in addition to consulting the website of the Olympic Committee of Brazil. The data collected regarding the occupation of positions were organized in an Excel spreadsheet, descriptive statistical analysis was performed, in order to describe and summarize the set of data obtained, and content analysis (enumeration technique), for data related to the type of position held by women. 110 positions were identified in the technical committees of all sports analyzed (female and male teams), of which 23 are occupied by women (20%). The modalities of Basketball, Football, Handball, Water Polo, Rugby, Volleyball and Beach Volleyball add up to 43 positions on the technical committees in the women's teams, 13 of which are occupied by women (30%). The same modalities, in their men's teams add up to 47 positions, and of these 4 are occupied by women (8.5%), indicating that while men have space in the technical committees of women's teams, the opposite does not occur. Of all the modalities analyzed, it was possible to verify that few women occupy positions of greater leadership, such as coach/technician, in general, a panorama similar to that found by Ferreira et al. (2013), with the position of physiotherapist being the most occupied by women professionals. When analyzing the distribution of management positions, the panorama confirms the "glass ceiling" concept, which assumes that women rise to leadership positions to some extent. As for operational positions, 121 positions were identified, 40 of which are occupied by women (33%). As for statutory positions, of the 76 positions identified, only 7 of them are occupied by women (9.2%). It was possible to draw an overview of female participation in leadership in sport administration entities and Olympic collective sports modalities, highlighting the under-representation in leadership positions.

Keywords: Sports Confederation; Women; Sports Manager; Coaches..

Resumen

Existe un consenso en la literatura de que las mujeres continúan estando infrarrepresentadas en los puestos de liderazgo, y que aún persisten en nuestra sociedad un lenguaje patriarcal y los estereotipos de género y el perfil profesional deseado, lo que plantea desafíos prácticos y emocionales a las mujeres que buscan puestos de liderazgo en deporte (Evans & Pfister, 2020). La investigación tuvo como objetivo obtener una visión general de los puestos de liderazgo ocupados por mujeres en los comités técnicos y en la gestión de las Confederaciones Deportivas Brasileñas de modalidades colectivas olímpicas. La investigación tiene un enfoque mixto, utilizando el método de análisis de documentos. Se analizaron las publicaciones de las convocatorias de comisiones técnicas y actas electorales disponibles en línea en los sitios web de las Confederaciones deportivas de modalidades olímpicas colectivas, así como la consulta en el sitio web del Comité Olímpico de Brasil. Los datos colectados sobre la ocupación de puestos se organizaron en una hoja de cálculo de Excel, se realizó análisis estadístico descriptivo, con el fin de describir y resumir el conjunto de datos obtenidos, y análisis de contenido (técnica de enumeración), para los datos relacionados con el tipo de puesto ocupado por mujeres. Se identificaron 110 puestos en los comités técnicos de todos los deportes analizados (equipos femeninos y masculinos), de los cuales 23 están ocupados por mujeres (20%). Las modalidades de Baloncesto, Fútbol, Balonmano, Waterpolo, Rugby, Voleibol y Voleibol de Playa suman 43 puestos en los comités técnicos de los equipos femeninos, 13 de los cuales están ocupados por mujeres (30%). Las mismas modalidades, en sus equipos masculinos suman 47 puestos, y de estos 4 están ocupados por mujeres (8,5%), lo que indica que si bien los hombres tienen espacio en los comités técnicos de los equipos femeninos, no ocurre lo contrario. De todas las modalidades analizadas, se pudo constatar que pocas mujeres ocupan puestos de mayor liderazgo, como entrenador / técnico, en general, un panorama similar al encontrado por Ferreira et al. (2013), siendo el puesto de fisioterapeuta el más ocupado por mujeres profesionales. Al analizar la distribución de los puestos directivos, el panorama confirma el concepto de "techo de cristal", que supone que las mujeres ascienden en cierta medida a puestos de liderazgo. En cuanto a puestos operativos, se identificaron 121 puestos, 40 de los cuales están ocupados por mujeres (33%). En cuanto a los puestos estatutarios, de los 76 puestos identificados, solo 7 de ellos están ocupados por mujeres (9,2%). Se pudo hacer un panorama de la participación femenina en el liderazgo en las entidades de administración deportiva y modalidades deportivas colectivas olímpicas, destacando la subrepresentación en puestos de liderazgo.

Palabras Clave: Confederación Deportiva; Mujeres; Gerente de Deportes; Entrenadoras.

Introdução

Há um consenso da literatura que a mulher continua a ter sub-representação em posições de liderança mundialmente, e que ainda persistem em nossa sociedade uma linguagem patriarcal, e estereótipos de gênero e de perfil profissional desejado, que impõem desafios práticos e emocionais à mulheres buscarem cargos de liderança no esporte (Evans & Pfister, 2020).

No ambiente esportivo, de maneira geral, há mais cargos de gestão ocupados por homens, mais equipes masculinas inscritas nas competições, um maior número de treinadores e árbitros homens, mais repórteres esportivos e maior tempo de mídia para as modalidades masculinas, mesmo para aquelas em que a equipe feminina tem mais representatividade em competições internacionais (Oliveira & Teixeira, 2009). Apesar do recente aumento nas oportunidades de participação para meninas e mulheres no esporte, ainda há uma sub-representação feminina evidente em todas as posições de liderança no esporte (Burton, 2015), principalmente em cargos de níveis mais altos (Aly; Breese, 2018). Em quaisquer que sejam as posições de liderança no esporte, tanto para gestoras quanto para técnicas, são necessários esforços e ações para perseguir esta igualdade de gênero nas organizações (Evans & Pfister, 2020).

Apesar de estudos que analisam a proporção de mulheres nos cargos de liderança em organizações esportivas ser relativamente comum na literatura internacional (Evans & Pfister, 2020), ainda são escassas investigações científicas focadas na realidade brasileira. Diante deste panorama, esta pesquisa traz como pergunta: As mulheres ocupam cargos de gestão e nas comissões técnicas das equipes principais, nas Confederações de modalidades esportivas brasileiras?

O conhecimento acerca da participação de mulheres nos cargos de liderança em organizações esportivas brasileiras, sejam eles em comissões técnicas ou de gerencia, são primordiais para o entendimento do contexto nacional e a partir deste, a proposição de ações e políticas que visem a equidade de gênero nestas instituições. A partir dos dados coletados, pretende-se discutir a sub-representação das mulheres em cargos de liderança, e da posição que ela ocupa (se em níveis hierárquicos mais baixos ou mais altos). Portanto, o objetivo da pesquisa é obter um panorama dos cargos de liderança ocupados por mulheres nas comissões técnicas e na gestão de Confederações Esportivas Brasileiras de modalidades coletivas olímpicas.

Revisão de literatura

Pesquisas em diversas áreas nas últimas décadas tem indicado uma tendência de as mulheres ocuparem cargos de gestão somente até o nível médio, enquanto que posições de alto escalão na gestão ainda possuem uma porcentagem baixa de mulheres (Singh & Vinnicombe, 2004), o que parece ser um panorama também encontrado no ambiente esportivo. Segundo Singh e Vinnicombe (2014), a dificuldade de ascensão aos cargos de liderança em níveis mais altos deve-se ao que as autoras chamam de “teto de vidro”, conceito que indica que as mulheres podem ascender à cargos numa determinada indústria somente até certo ponto.

Em pesquisa realizada com 1600 organizações esportivas de 45 países, Adriaanse (2016) verificou que globalmente, as organizações esportivas possuem em média 19.7% de mulheres em posições de liderança na gestão. Apenas um dos países analisados possuem paridade de gênero nos cargos de gestão, e em 4 países foi possível verificar porcentagem acima dos 30% de cargos de gestão ocupados por mulheres (Adriaanse, 2016).



A organização Women on Board de Austrália e Reino Unido, em seu relatório publicado em 2016 intitulado “Gender Balance in Global Sport Report”, apresenta um conjunto de dados atualizado sobre o número de mulheres que atuam em entidades de administração do esporte. Neste relatório é possível observar que organizações esportivas tais como os Comitês Olímpicos Nacionais, o Comitê Olímpico Internacional, as Federações Esportivas Internacionais, dentre outras, não ultrapassam a porcentagem de 30% de sua direção ocupada por mulheres (Women on Board, 2016). Além disso, algumas Federações Esportivas Internacionais de modalidade como Golfe, Handebol, Judô, Rúgbi e Tiro não possuíam nenhuma mulher ocupando cargos de gestão na organização (Women on Board, 2016).

O relatório também indica que mesmo quando a mulher ascende a estes cargos de gestão, elas costumam receber menos que os mesmos profissionais do sexo masculino que ocupam mesma posição, sofrer discriminação, e serem conferidas responsabilidades desiguais quando comparadas com seus companheiros homens, e que os cargos mais altos ainda permanecem ocupados por homens (Women on Board, 2016).

O mesmo panorama é apresentado no relatório publicado pelo Comitê Olímpico Internacional, o “IOC Gender Equality Review Project: IOC Gender Equalit Report” que demonstra um aumento da participação feminina de atletas nas edições de Jogos Olímpicos nas últimas décadas, porém o número de mulheres na direção da organização ainda está na faixa dos 30% (International Olympic Committee [IOC], 2018). As evidências demonstram que os homens quase sempre estão representados nos conselhos de organizações esportivas de forma majoritária, mesmo em organizações e conselhos relacionados com o esporte/equipes femininas (Adriaanse, 2018).

No contexto europeu, as organizações que possuem maior equilíbrio na representação de gênero em sua gestão são aquelas que também possuem um equilíbrio de representação feminina na prática (Elling et al., 2018). Entretanto, ainda é possível verificar que, apesar de uma aparente equidade na participação de atletas, o número de treinadoras mulheres está ainda mais aquém, com uma média de 11% de representação feminina nas últimas edições dos Jogos Olímpicos (International Olympic Committee [IOC], 2018).

Segundo Cunningham (2010), a sub-representação de treinadoras mulheres pode ser compreendida a partir de uma perspectiva em três níveis (macro, meso e micro). No nível macro, estão compreendidas as questões relacionadas ao clima político, expectativa dos stakeholders e à práticas institucionalizadas que prejudicam mulheres ocuparem cargos de treinadoras nas equipes; o nível meso tem relação com o preconceito por parte dos tomadores de decisão, a cultura organizacional da instituição esportiva em relação ao tópico diversidade, discriminação e o perfil de liderança projetado pela organização; e no nível micro, estão relacionadas questões como expectativas e intenções das treinadoras e a rotatividade do cargo de treinador (Cunningham, 2010).

No Brasil, estudos pioneiros na área realizadas pelas pesquisadoras Gomes (2008) e Maurmann (2007) apresentam o perfil de mulheres ocupantes de cargos de gestão em organizações esportivas. Ambos os estudos apontam para um número baixo de mulheres nestes cargos, muitas vezes restritos à federações de modalidades como ginástica artística e desportos aquáticos, em que há uma representatividade importante de atletas mulheres (Gomes, 2008; Maurmann, 2007).

Métodos

Tipo de Pesquisa

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa-quantitativa (Pitts et al., 2018), que se caracteriza como exploratória, uma vez que visa explorar informações para refinar o problema em questão, e descritiva, pois pretende descrever características de uma população e fenômeno (Pitts et al., 2018). Quanto ao método de pesquisa, a mesma se caracteriza como Pesquisa Documental, pois se valeu de materiais e documentos públicos que não receberam tratamento analítico (Creswell, 2010; Jones & Gratton, 2004; Pitts et al., 2018).

População e Amostra

O foco da pesquisa foram as Confederações Esportivas brasileiras de modalidades esportivas coletivas que integram o quadro de modalidades olímpicas e que possuam equipes principais femininas. Desta forma, a pesquisa abrangeu as seguintes modalidades esportivas: Basquetebol, Canoagem, Futebol, Ginástica Rítmica, Handebol, Hóquei sobre a grama, Nado Sincronizado, Polo Aquático, Remo, Rúgbi, Voleibol e Voleibol de Praia.

Procedimento de Coleta de Dados

Foram analisadas publicações de convocações de comissões técnicas e atas de eleição disponíveis online nos sites e redes sociais das Confederações esportivas supracitadas, além de consulta do site do Comitê Olímpico do Brasil (COB), de forma a obter os seguintes dados:

- Ocupação dos cargos nas Comissões Técnicas das equipes principais (representação olímpica) masculinas e femininas das Confederações Esportivas – se por homem ou mulher;
- Tipo de cargo ocupado nas Comissões Técnicas por mulheres;
- Ocupação dos cargos de gestão das Confederações Esportivas – se por homem ou mulher;
- Tipo de cargo ocupado na direção das Confederações Esportivas.

Análise dos Dados

Os dados coletados referentes à ocupação dos cargos foram organizados em planilha de Excel e realizada análise de estatística descritiva, de forma a descrever e sumarizar o conjunto de dados obtidos. Já os dados relativos ao tipo de cargo ocupado pelas mulheres nas Comissões Técnicas e na gestão das Confederações, foi realizada análise de conteúdo e categorização dos resultados através da técnica de enumeração (Bardin, 2006).

Resultados e Discussão

Em um panorama geral, foram identificados um total de 110 posições nas comissões técnicas de todas as modalidades esportivas analisadas (equipes femininas e masculinas), sendo que 23 são ocupadas por mulheres, o equivalente a 20%. Dados sobre as comissões técnicas do Hóquei sobre a grama (equipes feminina e masculina), e Vôlei de Praia masculino não foram encontrados



nos canais oficiais das respectivas Confederações ou boletins de convocação, portanto não integram a análise.

Em algumas modalidades foi possível perceber um maior número de profissionais disponíveis para as equipes masculinas quanto comparado as equipes femininas. As modalidades de Basquetebol, Futebol, Handebol, Polo Aquático, Rúgbi, Voleibol e Vôlei de Praia somam nas equipes femininas 43 cargos nas comissões técnicas e destes, 13 são ocupados por mulheres (equivalente a 30%). As mesmas modalidades, em suas equipes masculinas, somam 47 cargos, e destes, 4 são ocupados por mulheres (equivalente a 4%), indicando que enquanto homens possuem espaço nas comissões técnicas de equipes femininas, o contrário não ocorre.

Cabe um destaque para a modalidade Futebol, que possui na equipe feminina, dos 7 cargos possíveis, 3 mulheres. A equipe feminina do Brasil sempre teve homens a frente de seu comando, e foi recentemente que isso mudou, contando hoje com uma mulher como técnica e duas auxiliares técnicas.

Em pesquisa longitudinal realizada por Passero et al. (2020), os pesquisadores ao analisarem a composição das comissões técnicas no Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino entre os anos 2013 a 2019, constataram que apesar do aumento da participação de mulheres nessas posições, este é lento, e a representação ainda é baixa. Segundo os autores, as mulheres correspondem a 17% das treinadoras no referido campeonato (Passero et al., 2020).

Também a formação da comissão técnica da equipe de voleibol feminino merece atenção, já que a participação feminina na modalidade possui tradição e destaque em relação a títulos e popularidade no país, entretanto dos 9 cargos disponíveis, nenhum deles é ocupado por uma mulher. Ou seja, confirma-se que mesmo uma equipe que traz grande visibilidade no quesito mulher no esporte, possui maioria homens de seu comando (Oliveira & Teixeira, 2009). Algo semelhante ocorre no basquetebol, que também já teve grandes resultados na equipe feminina, com atletas que até hoje são expoentes do esporte nacional, porém a participação feminina baixa nas comissões técnicas, também confirmado por (Passero et al., 2019)

As modalidades Ginástica Rítmica (GR) e Nado Sincronizado possuem 5 e 1 cargos, respectivamente, nas comissões técnicas, sendo que apenas um dos cargos da GR não é ocupado por mulher. Cabe ressaltar que estas duas modalidades são historicamente femininas, sendo praticadas até hoje exclusivamente por mulheres.

As modalidades de Canoagem e Remo possuem uma única comissão técnica tanto para a equipe feminina quanto masculina. A Canoagem possui 5 cargos, nenhum deles ocupados por mulheres, e o Remo possui 4 cargos, 1 deles ocupado por mulher.

De todas as modalidades analisadas, foi possível constatar que poucas mulheres ocupam cargos de maior liderança, como o de treinadora/técnica, de um modo geral, panorama semelhante ao encontrado por Ferreira et al. (2013), que ao analisar 259 federações esportivas, encontrou apenas 7% de mulheres nos cargos de treinador. Ainda pesa o fato de 70% das federações pesquisadas sequer ter mulheres cadastradas como treinadoras (Ferreira et al., 2013), reforçando que se naturalizando tipicamente os cargos relacionados ao treinamento ao masculino (Ferreira et al., 2017).

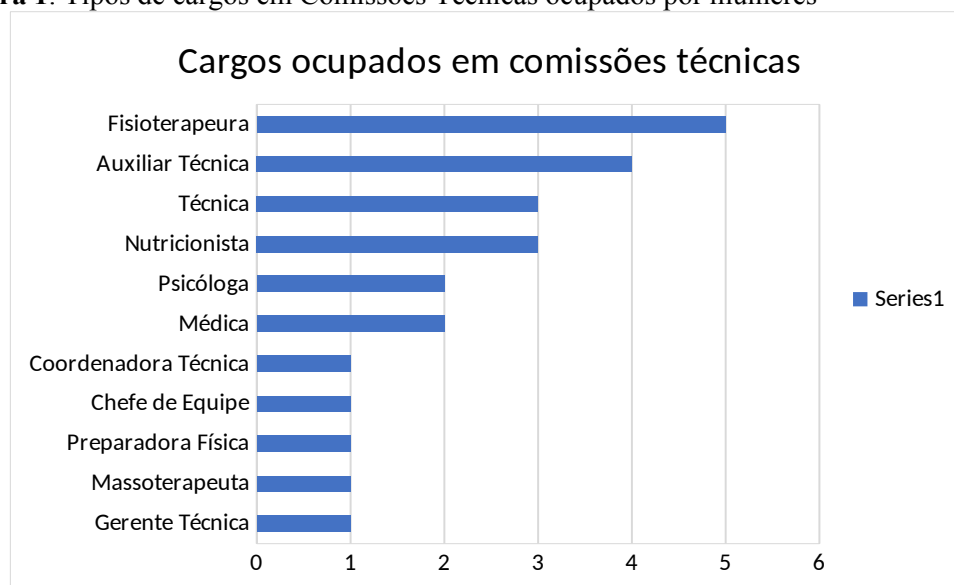
Em equipes femininas encontramos apenas no Futebol, na Ginástica Rítmica e no Nado Sincronizado, enquanto que em equipes masculinas, nenhuma mulher ocupa este cargo. O cargo que as mulheres mais ocupam nas comissões técnicas são os de fisioterapeuta (Figura 1).

É interessante observar que os cargos de fisioterapeuta, nutricionista, psicóloga e médica são profissões não relacionadas ao esporte e ao treinamento esportivo, e sim ao cuidado dos atletas, reforçando um estereótipo de gênero das profissões. Também é importante pontuar que por vezes

estes cargos servem tanto às equipes femininas quanto masculinas, ou seja, é a mesma profissional mulher que ocupa o cargo nas duas equipes, podendo ser ainda menor a participação feminina nas comissões técnicas de equipes de alto rendimento no Brasil.

Segundo (Rubio & Veloso, 2019), a resistência em admitir mulheres liderando as comissões técnicas de modalidades esportivas ainda permanece como um dos maiores obstáculos nessa caminhada feminina,

Figura 1. Tipos de cargos em Comissões Técnicas ocupados por mulheres



Fonte: Dados da Pesquisa

Quanto aos cargos de gestão nas Confederações Esportivas analisadas, houve dificuldade de compreensão dos organogramas das entidades, pois a maioria das confederações expõem somente os quadros das funções sem identificar o responsável pelas mesmas, fazendo-se necessário analisar as folhas de remuneração para o melhor entendimento.

Foram analisados os dados de 10 Confederações que englobam as 12 modalidades esportivas objeto deste estudo. As modalidades Voleibol e de Vôlei de Praia possuem um quadro de gestão único, a Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), assim como as modalidades Polo Aquático e Nado Sincronizado que fazem parte da Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos (CBDA). As análises dos cargos de gestão se dividiram em cargos eletivos, ou seja, os cargos que são previstos no estatuto das confederações e a ocupação se dá por eleição, e cargos profissionais, compostos por cargos operacionais de profissionais contratados pela confederação.

A análise dos dados das Confederações em relação aos cargos de gestão mostra que ainda há uma sub-representação feminina clara dentro dos cargos estatutários e uma maior representatividade nos cargos operacionais.

Os números obtidos nos cargos estatutários mostram que de 76 posições, apenas 7 deles são ocupados por mulheres (equivalente a 9.2% dos cargos), sendo (1) Presidenta, (2) Vices-presidentas, (1) Membro da Base, (1) Diretora de Arbitragem, (1) Assistente de Registro de Atletas e (1) Presidenta da Comissão de Atletas. Das entidades pesquisadas, não se obteve nenhum dado da atual gestão da Confederação Brasileira de Handebol, pois a mesma estava em processo de eleição no período em que ocorreu a coleta de dados.



A Confederação que possui duas mulheres nas posições mais altas (Presidência e a Vice-presidência), é uma modalidade apenas feminina, a Ginástica Rítmica. A outra modalidade que possui uma mulher na posição de topo é a Confederação Brasileira de Remo (CBR) com uma mulher no cargo de 2º vice-presidência. Já as demais modalidades que apresentam mulheres em cargos estatutários são Basquete, Canoagem, Hóquei sobre a grama e Rúgbi. O resultado comprova que ainda há uma sub-representação feminina nos cargos estatutários e que além disso essa apresentação na maior parte é apenas em modalidades tidas como “femininas”, conforme indicado em estudos anteriores (Gomes, 2008; Gomes & Mourão, 2008; Maurmann, 2007).

No futebol, por exemplo, de 15 cargos estatutários que a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) possui, nenhum deles é ocupado por mulher. Analisando o contexto histórico, em que as mulheres foram por muito tempo proibidas de praticar a modalidade a partir da Lei no 3.199, de 14 de Abril de 1941, que ficou em vigor até 1979 (Brasil, 1941), o futebol ainda é um esporte/ambiente masculino, que impõem barreiras para a prática e liderança de mulheres na modalidade (Goellner, 2005), embora o futebol feminino tenha grandes atletas e projeção internacional importante.

De acordo com dados retirados no site da CBF, ao todo temos 7 Copas América da Seleção Brasileira feminina, (1991,1995,1998, 2003, 2010, 2014 e 2018) sendo que 6 desses títulos foram conquistados de forma invicta e 3 Jogos Pan Americanos (2003, 2007 e 2015) todos eles conquistados de forma invicta. Além de termos uma jogadora que foi eleita 6 vezes a melhor jogadora de futebol do mundo pela Federação Internacional de Futebol (FIFA).

Os motivos que podem explicar esta baixa participação feminina nas comissões técnicas podem ser desde o preconceito, conflito entre vida pessoal e profissional, a baixa remuneração quando comparados com profissionais homens, a apropriação majoritária dos cargos pelos homens, a falta de oportunidades para se inserir neste campo tão masculino (Ferreira et al., 2013, 2015, 2017). Apesar das recomendações do COI no aumento da participação de mulheres em todos os níveis e atuações no esporte (Ferreira et al., 2015), o contexto nos mostra que ainda temos muito a avançar neste campo.

Já os resultados relacionados aos cargos operacionais mostram uma maior apentação de mulheres nos mesmos, de 121 cargos operacionais, 40 deles são ocupados por mulheres (equivalente a 33% dos cargos). Os cargos podem ser conferidos na Figura 2.

Figura 2. Tipos de cargos operacionais ocupados por mulheres nas Confederações



Fonte: Dados da Pesquisa

Ao analisar a distribuição dos cargos de gestão e participação feminina, o panorama confirma o conceito de “teto de vidro”, que supõem que mulheres ascendem a cargos de liderança até certo ponto (Singh & Vinnicombe, 2004). Enquanto que os cargos operacionais ficaram próximos aos níveis de ocupação de entidades de administração do esporte internacionais (Adriaanse, 2016; International Olympic Committee (IOC), 2018), os cargos estatutários não seguem o mesmo padrão.

Vale salientar que algumas mulheres ocupam mais de um cargo dentro das confederações, o que pode distorcer os resultados, sendo a participação feminina ainda menor.

Assim como a participação das mulheres nas comissões técnicas, na gestão o panorama pode se dar por motivos muito semelhantes, ou seja, menores salários, discriminação, lher serem conferidas responsabilidades desiguais, e assim os cargos mais altos ainda permanecem ocupados por homens (Women on Board, 2016). Segundo Passero et al. (2020) ainda pesa o fato de que as contratações são realizadas muitas vezes por homens, e, portanto, eles tendem a contratar seus semelhantes, outros homens, tornando a inserção da mulher muito difícil neste ciclo vicioso que se forma.

Conclusões e recomendações

A partir da análise dos dados coletados nesta pesquisa, foi possível traçar um panorama da participação feminina na liderança em entidades de administração do esporte e de modalidades esportivas olímpicas. Os resultados mostram a ainda baixa participação das mulheres tanto nas comissões técnicas como no corpo diretivo das organizações esportivas, bem como a presença ainda mais acanhada em cargos de alto nível, como treinadoras principais e na presidência das entidades.

Portanto, a discussão a partir do contexto que estamos é de extrema importância para compreendermos a realidade e passarmos a pensar políticas de inclusão das mulheres no campo esportivo, notadamente como treinadoras e gestoras.

Esta pesquisa apresentou algumas limitações, principalmente no que concerne à coleta de dados. Alguns dados não foram encontrados, denotando a falta de transparência de algumas entidades em disponibilizar o organograma ou mesmo membros de sua diretoria ou a mais recente convocação de suas seleções principais. Além disso, mesmo as entidades que apresentam os dados, esta não é feita forma sistematizada e organizada, algumas informações constam no site apenas a partir de notícias.

Para estudos futuros, recomendamos a abordagem das barreiras enfrentadas por treinadoras, preparadoras físicas, gestoras, dentre outras profissionais mulheres no campo esportivo, a fim de compreender como se dá a exclusão das mesmas deste campo e pensar formas de superá-las, além da compreensão e possíveis ações e políticas já implementadas pelas organizações esportivas para a inclusão de mulheres em seu quadro de colaboradores, verificando a efetividade da mesma, propondo ações e políticas mais efetivas.

Referências

Adriaanse, J. (2016). Gender Diversity in the Governance of Sport Associations: The Sydney Scoreboard Global Index of Participation. *Journal of Business Ethics*, 137(1), 149–160. <https://doi.org/10.1007/s10551-015-2550-3>

Adriaanse, J. (2018). Europe in world perspective: The Sydney Scoreboard Global Index for women in sport leadership. In A. Elling, J. Hovden, & A. Knoppers (Eds.), *Gender Diversity in European Sport Governance* (1st ed., pp. 9–18). Routledge.



- Aly, E. R., & Breese, K. (2018). The Representation of Women in USA Sports, Sports Administrative, and Team Sports Leadership. *European Scientific Journal, ESJ*, 14(5), 55. <https://doi.org/10.19044/esj.2018.v14n5p55>
- Bardin, L. (2006). *Análise de conteúdo*. Edições 70 - Brasil.
- Brasil. (1941). Lei no 3.199, de 14 de Abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. *Diário Oficial União*. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/De13199.htm
- Burton, L. J. (2015). Underrepresentation of women in sport leadership: A review of research. *Sport Management Review*, 18(2), 155–165. <https://doi.org/10.1016/j.smr.2014.02.004>
- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de Pesquisa: Metodos qualitativo, quantitativo e misto* (3rd ed.). Artmed.
- Cunningham, G. B. (2010). Understanding the under-representation of African American coaches: A multilevel perspective. *Sport Management Review*, 13(4), 395–406. <https://doi.org/10.1016/j.smr.2009.07.006>
- Elling, A., Knoppers, A., & Hovden, J. (2018). Meta-analysis: Data and methodologies. In A. Elling, J. Hovden, & A. Knoppers (Eds.), *Gender Diversity in European Sport Governance* (1st ed., pp. 171–184). Routledge.
- Evans, A. B., & Pfister, G. U. (2020). Women in sports leadership: A systematic narrative review. *International Review for the Sociology of Sport*, 55, 1–26. <https://doi.org/10.1177/1012690220911842>
- Ferreira, H. J., Anjos, L. A. dos, Drigo, A. J., Mourão, L. N., & Salles, J. G. D. C. (2017). As barreiras enfrentadas por treinadoras brasileiras. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 31(2), 479–488. <https://doi.org/10.11606/1807-5509201700020479>
- Ferreira, H. J., Do Carmo Salles, J. G., & Mourão, L. (2015). Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil. *Revista Da Educacao Fisica*, 26(1), 21–29. <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v26i1.22755>
- Ferreira, H. J., Salles, J. G. C., Mourão, L., & Moreno, A. (2013). A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, 19(3), 103–124. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.29087>
- Goellner, S. V. (2005). Mulher E Esporte No Brasil: Entre Incentivos E Interdições Elas Fazem História. *Pensar a Prática*, 8(1), 85–100. <https://doi.org/10.5216/rpp.v8i1.106>
- Gomes, E. M. de P. (2008). A participação das mulheres na gestão do esporte brasileiro: Desafios e perspectivas. *Quartet: FAPERJ*. http://www.gestaodesportiva.com.br/As_mulheres_na_Gestao_das_Federacoes_Esportivas_no_Brasil.pdf
- Gomes, E. M. de P., & Mourão, L. (2008). As mulheres na gestão das federações esportivas no Brasil. http://www.gestaodesportiva.com.br/As_mulheres_na_Gestao_das_Federacoes_Esportivas_no_Brasil.pdf
- International Olympic Committee (IOC). (2018). *IOC Gender Equality Review Project: IOC Gender Equalit Report*.
- Jones, I., & Gratton, C. (2004). *Research methods for sports studies* (1st Ed.). Routledge Taylor & Francis Group.
- Maurmann, A. (2007). *Mulheres gestoras em federações esportivas do Rio Grande do Sul*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Oliveira, G. A. S., & Teixeira, A. P. O. (2009). Tilhando um novo caminho: A gestão esportiva. *Gênero*, 10(1), 101–118.
- Passero, J. G., Barreira, J., Calderani Junior, A., & Galatti, L. R. (2019). Gender (In)equality: A Longitudinal Analysis of Women's Participation in Coaching and Referee Positions in the Brazilian Women's Basketball League (2010-2017). *Cuadernos de Psicología Del Deporte*, 19(1), 252–261. <https://doi.org/10.6018/cpd.348611>
- Passero, J. G., Barreira, J., Tamashiro, L., Scaglia, A. J., & Galatti, L. R. (2020). Futebol De Mulheres Liderado Por Homens: Uma Análise Longitudinal Dos Cargos De Comissão Técnica E Arbitragem. *Movimento*



(ESEFID/UFRGS), 26, e26060.

<https://doi.org/10.22456/1982-8918.100575>

Pitts, B. G., Li, M., & Kim, A. (2018). *Research Methods in Sport Management* (2nd ed.). FIT Publishing.

Rubio, K., & Veloso, R. C. (2019). As mulheres no esporte brasileiro: entre os campos de enfrentamento e a jornada heroica. *Revista USP*, 122(jul/ago/set), 49–62. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i122p49-62>

Singh, V., & Vinnicombe, S. (2004). Why so few women directors in top UK boardrooms? Evidence and theoretical explanations. *Corporate Governance: An International Review*, 12(4), 479–488. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8683.2004.00388.x>

Women on Board. (2016). *Gender Balance in Global Sport Report*. www.womenonboards.net

Recebido em: 29/07/2021

Aceite em: 20/09/2021

Endereço para correspondência:

Cacilda Mendes dos Santos Amaral

cacilda.amaral@uemg.br



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Attribution 3.0